

O MENINO (GREGO) DA SUA MÃE

Yara F. Vieira (UNICAMP)

O poema "O Menino da sua Mãe", que Pessoa publicou em 1926, ter merecido renovada atenção da crítica: no IV Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos, por exemplo, três comunicações debruçaram-se sobre a sua análise.¹ Pretendo aqui contribuir para a leitura desse poema, situando-o num contexto com o qual ainda não foi relacionado, e que me parece pertinente para a sua compreensão: o contexto dos poemas ligados à morte e, em especial, os epitáfios.

Entre os epitáfios que se encontram na Antologia Grega, há um cujo contorno situacional e emocional antecipa de certa forma o do poema "O Menino da sua Mãe". Não é minha intenção provar aqui que o epitáfio grego tenha servido de ponto de partida para o poema pessoaano, porque não tenho provas disso. No entanto, pode-se afirmar com certeza que Pessoa o conhecia, uma vez que a Antologia Grega fazia parte não só das suas leituras comprovadas, mas também daquelas que decididamente serviram de matriz para obras suas.

A predileção de Pessoa pelos epitáfios é inequivocamente atestada: em 1920, seis anos, portanto, antes da composição de "O Menino da sua Mãe", escreve as Inscriptions, catorze epigramas inspirados pelos epitáfios, ou inscrições túmulares, existentes num dos volumes da Antologia Grega, que o poeta conhecia através da tradução inglesa de W. R. Paton, publicada entre 1916 e 1918. Em 1924, publica na revista Athena a tradução de oito desses epitáfios, sempre a partir da versão inglesa. É forte, portanto, nessa altura, a impressão da Antologia Grega sobre Pessoa, devendo-se ainda observar que, dos cerca de 4000 poemas que a compõem, apenas traduz ou reescreve aqueles que constituem epitáfios, deixando de lado todos os demais epigramas que se encontram na grande antologia: os descritivos, os satíricos, os hortatórios, os religiosos, os amorosos, etc. O epitáfio é, assim, uma forma cara a Pessoa.² Não é irrelevante lembrar que em 1922, Álvaro de Campos escreve o "Soneto já antigo", que pode ser considerado uma "encorenda" de epitáfio próprio e deambulatório a essa Daisy, que se encarregará de levar aos amigos a notícia da morte, assim assegurando o lamento, real ou fictício, do futuro defunto; no próprio ano de 1926, ainda o resto Álvaro de Campos escreve um poema que se pode ler em alguns momentos como um anti-

epitáfio: "Se te queres ratar, por que não te queres ratar?"³, e que diz, a respeito da memória que sobrevive ao morto: "Só és lembrado em duas datas, aniversariamente. Quando faz anos que nasceste, quando faz anos que morreste."

Por sua vez, é preciso observar que "O Menino da sua Mãe" é um epitáfio, ainda que não stricto sensu, isto é, não se trata de uma inscrição a ser colocada sobre um túmulo, o do soldado morto em batalha. No entanto, ele faz morto num campo de batalha, e não falta ao poeta o "aqui jaz" de preceito, nem tampouco o local onde jaz: "No plaino abandonado... Jaz morto e arrefece", e a causa da morte: "De balas trespassado/Duas, - de lado a lado - . "Não é preciso muita familiaridade com os epitáfios da Antologia Grega para reconhecer nesses elementos circunstanciais os ingredientes indispensáveis de um epitáfio: a identificação do morto, o local e a causa da morte. Não se pode, portanto, deixar de colocar "O Menino da sua Mãe" contra o plano de fundo da preferência de Pessoa pelo epitáfio e pelas formas afins. Compare-se, por exemplo, a primeira estrofe de "O Menino da sua Mãe" com a estrofe 41 do poema "Memória do Presidente-Rei Sidónio Pais", de 27.2.1920: "E um místico vislumbre charra O que, no plaino trespassado,/Vive ainda em nós, longínqua chara - O DESEJADO". O poema de 1926 ecoa esse "morto que hoje é vivo" "no plaino [abandonado] [De balas trespassado". Mais adiante, veremos como o menino da sua mãe goza também dessa propriedade característica de D. Sebastião, de ser simultaneamente morto e vivo.

O epitáfio grego a que me referi mereceu especial atenção de J.A. Symonds, crítico famoso, também certamente conhecido por Pessoa: é dele o ensaio sobre Antínoo, que o poeta utilizou como uma das fontes para escrever o seu - quase - epitáfio para o arante bitíno de Adriano. No capítulo sobre a Antologia Grega, incluído no seu livro Studies of the Greek Poets, Symonds refere-se especificamente ao epitáfio de um rapaz, observando que "their [the Greeks] most genuine sorrow is for youth cut off before the joys of life were tasted. This sentiment receives, perhaps, its most pathetic though least artistic expression in the following anonymous epitaph of a young man. The mother's love and anguish are set forth with a vividness which we should scarcely have expected from a Greek. [i. 336]⁴. Symonds cita o original grego e dá a sua própria versão para o inglês. Como o conhecimento que Pessoa tinha do grego não era suficiente para que se valesse apenas do original, dou a tradução inglesa seguida da sua versão literal em português:

Merciless heaven! Why didst thou show me light,
For so few years and speedy in their flight?
Was it to vex by my untimely death
With tears and wailings her who gave me breath?
Who bore me, and who reared me, and who wrought
More for my youth with many a careful thought
Than my dead sire: he left me in his hall
An orphan babe: 'twas she alone did all.
My joy it was beneath grave men of laws,

Just pleas to urge and win approved applause;
But from thy cheek she never plucked the flower
Of charring youth, nor dressed thy bridal bower,
Nor sang thy marriage hymn, nor saw, ah me!
My offspring shoot upon our ancient tree,
That now is withered. Even in the tomb
I wail Politta's woe, the gloom on gloom
That swells her grief for Phronton, since a boy
In vain she bore, his country's empty joy. 5

Céus impiedosos! Por que te mostrastes a luz
Por anos tão parcos e tão rápidos no seu vôo?
Foi acaso para afligir, por tinha preratura morte,
Com lágrimas e lamentos àquela que te deu a vida?
Ela que te gerou, e te criou, e que se ocupou
Da tinha juventude, com tantos e tão cuidadosos pensamentos,
Muito mais que teu falecido pai: este deixou-te em sua casa,
Um infante órfão: ela sozinha é que fez tudo.
Minha alegria era entre graves honras da lei
Defender causas e ganhar merecido aplauso;
Mas de tinha face ela nunca arrancou a flor
Da encantadora juventude, nem preparou tinha câmara nupcial,
Nem cantou o teu hino de himeu, nem viu, ai de ti!
O teu filho brotar da nossa antiga árvore
Agora já fanada. Mestre no sepulcro
Choro o sofrimento de Polita, a sombra sobre a sombra
Que faz crescer a sua dor por Fronton; pois um menino
Em vão ela gerou, da sua Pátria a vã alegria.

Tendo sempre em vista certa afinidade entre este epitáfio e o poema "O Menino da sua Mãe", vou procurar fazer uma leitura "em contraponto", que ofereça a vantagem de iluminar simultaneamente os dois poemas.⁶ Alguns aspectos chamam a atenção no epitáfio grego: em primeiro lugar, é inusitadamente longo, para os padrões da Antologia Grega: isso, porém, não quer dizer necessariamente que se trate de um epitáfio não autêntico, isto é, que não fosse destinado a ser gravado sobre um túmulo, uma vez que alguns dos epitáfios cuja autenticidade está comprovada, são mais longos do que o usual.⁷ Da mesma forma, o poema de Pessoa é também excepcionalmente longo - ter 30 versos - se comparado aos epigramas que compõem as Inscriptions e aos epitáfios que podem ser encontrados em Messenger.

Um segundo aspecto a ser observado é que fala neste epitáfio: pode causar estranheza o fato de ser o próprio defunto a falar da sua morte e do sofrimento da mãe que lhe sobrevive. Trata-se, porém, de um recurso bastante comum nos epitáfios.

fios da Antologia, que Pessoa inclusive adotou nas Inscriptions e nos poemas da Mezager. No caso dos epigramas gregos, esse procedimento, que se tornou retórico com o tempo, está ligado a uma crença primitiva na sobrevivência e na permanência dos sentimentos humanos para além da morte.⁸ No poema em causa, o fato de o rapaz morto incurtir-se de expressar a dor da mãe diante da morte do único filho, junta à profundidade desse sentimento a possibilidade de manifestar a gratidão do filho: foi ela que criou sozinha, afinal, diz ele, pois o pai lhe chorara quando ainda era bebê. Erro fosse comum que o poeta a quem se encomendava um epitáfio se fizesse porta-voz dos sentimentos dos sobreviventes, pode-se dizer que aqui ele força a mão, fazendo o próprio Fronton lamentar, do além-túmulo, a mãe, que por sua vez lamenta a sua perda.

Naturalmente, o poema de Pessoa é muito mais discreto nesse particular. Nas primeiras duas estrofes, quem fala é alguém que vê (numa litografia?) a cena do jovem morto no campo de batalha. Trata-se, como já foi bem observado por outros, de uma descrição fortemente plástica: o local onde jaz, os furos das balas, a farragem de sangue, a cor da pele e dos cabelos, e como agora jaz, de olhos abertos abandonado, sem ter quem lhe feche.⁹ Só na terceira estrofe é que escapa a esse otimismo servador um comentário, semelhante aos lamentos que se ouvem comumente nos epitáfios gregos, quando chorar a morte de alguém ainda na flor da idade: "Tão jovem! Que jovem era!" - e que poder ser encontrados de forma desenvolvida no epitáfio de Fronton. Logo em seguida a esse comentário, porém, intercala-se uma pergunta: "Agora que idade terá?" Colocada entre parênteses, como um aparte, ela põe em questão a permanência da vida e dos seus critérios e valores para além da morte, e tem uma função semelhante das justaposições que caracterizam os epigramas de Inscriptions: nestes, com efeito, dois tempos e duas concepções de vida, duas expectativas contrárias colam-se, sem transição,¹⁰ provocando uma sensação de estranheza diante da morte, mas também diante da vida. Essa pergunta rompe, assim, com os pressupostos que constituem o arcabouço do epitáfio grego, isto é, com a crença de que a morte não interrompe, ou não destrói, as formas habituais de manifestação da vida, que se prolongam para além do túmulo.

A partir do verso 13 assistimos a uma nova deslocação do sujeito, tornando-se a instância claramente narrativa: "Filho único a mãe lhe dera/ Um nome e o mantivera:/ "O menino da sua mãe". O narrador isento das duas primeiras estrofes mergulha agora no passado e na memória do soldado morto: como pode ele saber o que ocorrera na vida deste? Por esse procedimento, aproxima-se portanto do comportamento do poeta da Antologia a quem se encomendava um epitáfio, com a diferença inicial de que, naquele caso, os parentes do morto se incumbiam de fornecer os dados biográficos do defunto e dos sobreviventes, e neste, estamos como diante de um aluno da escola primária a quem a professora deu a tarefa de "fazer uma descrição a partir de um quadro". O aluno não se contentará com a descrição do quadro e deixar-se-á levar pelo impulso de criar, ficticiamente, conteúdos narrativos para as pessoas que nele vê. Claro, os conteúdos narrativos - que não são dados - falar, e sempre, da experiência de quem os cria; mas a experiência pode ser depurada através de filtros os quais di-

versos, inclusive aqueles que supõem uma refração literária. De qualquer forma, esse narrador que agora se apossa da voz do poeta faz-se, também ele, porta-voz dos sentimentos dos que sobrevivem: no caso, a mãe e a criada velha. Assim, embora a pessoa gramatical continue a mesma, o conteúdo narrativo só pode emanar da figura da mãe, que longe, em casa, lembra do seu menino e reza, junto com a criada velha, pelo seu retorno. Da voz que reproduzira as linhas e cores de um quadro presente diante dos olhos ou como irager, salta-se para o passado do menino e para o presente enganado em que vive a mãe. Mais abaixo, para confirmar o ponto de onde emanar essas infortunações que o sujeito vai oferecendo ao leitor, citar-se-á o discurso direto da mãe e da criada velha. A terceira pessoa é, então, falaz, e em tudo distinta daquela que enunciara os primeiros dez versos. Os versos 11 e 12 ("Tão jovem! Que jovem era! / (Agora que idade tem?)") adquirem assim uma posição e uma função mediadora entre a fala de fora de alguém que olha e descreve o que vê, e essa outra que sai de dentro da história, que sabe o que não está lá para ser visto, porque é passado, matéria de memória, ou porque acontece num outro lugar, ao mesmo tempo. A situação tem algo em comum com a que encontramos no poeta de 1926, "Se te queres ratar, por que não te queres ratar?", já mencionado, no qual se imagina o que os sobreviventes fariam, por ocasião da nossa morte. No "Menino da sua Mãe", o morto goza também, ainda que internamente ao universo criado pelo poeta, da ambigüidade que caracteriza as figuras oníricas: está morto para uns, e vivo para outros, o que lhe confere uma segurança semelhante àquela com que nos imaginamos às vezes mortos e antegozamos o sofrimento alheio causado por nossa morte, vingando-nos do desamor de alguém, ao mesmo tempo em que nos asseguramos de que somos amados e desejados na qualidade de vivos. Assim, se regressarmos ao universo da leitura biográfica e psicológica de Gaspar Simões, poderemos observar que a projeção do desejo, a construção do cenário da morte do filho amado acima de tudo, e do sofrimento materno que não pode ser senão entrevisto, alia-se à substituição das personagens no drama real experimentado pelo poeta no ano anterior: a morte da sua mãe. Se, como quer Gaspar Simões, "o menino da sua mãe" é o próprio poeta, e se o poeta foi escrito sob o impacto da morte da mãe, é pelo mesmo intrigante que seja o epitáfio do filho, e não da mãe. Voltarei logo a examinar a especial crueldade com que Pessoa trata o sofrimento materno neste poeta. Por ora, quero ainda observar que o próprio andamento do poeta se altera nesse momento: aos versos de seis sílabas das duas primeiras estrofes, sucede uma estrofe com versos de sete.

Se observarmos o conteúdo narrativo dos dois epitáfios, verificamos que a história de Fronton é a mesma do "menino da sua mãe": ambos são filhos únicos, a alegria da mãe, e morrer na flor da idade. No entanto, sabemos alguma coisa de Fronton que não sabemos do "menino da sua mãe": o pai do menino grego morreu quando ele era ainda muito novo. Nada se diz sobre o pai do "menino da sua mãe": filho único de pai morto ou vivo, mas ausente na afeição? Além disso, no epitáfio grego, Fronton menciona as suas conversas com "os homens graves de leis". No poeta de Pessoa, não há figuras masculinas; em compensação, porém, o menino tem duas figuras maternas: a mãe e a criada velha "que o trouxe ao colo". Singular caso de uma criança gerada por duas

mulheres, ser participação masculina. Não deixa de ter interesse observar ainda que epitáfio grego decididamente desqualifica o papel do pai na vida de Fronton, culpando-o mesmo por tê-lo abandonado, através da morte, ainda uma criança; o poeta de Pessoa silencia o papel do pai ou de qualquer outra figura masculina, equilibrando essa situação anômala pela duplicação da mãe. Esse apagamento é significativo, mesmo que sua interpretação varie, segundo se compare o epitáfio do menino com o de Fronton, se levar em conta apenas os dados internos ao poeta pessoano. Em confronto com o epitáfio grego, o poeta de Pessoa apaga a culpa do pai e, também, simultaneamente, gratidão para com a mãe; dentro do seu próprio universo, contudo, o poeta duplica a figura da mãe, sem questionar a culpa, paterna ou materna, da situação anômala do soldado.

No epitáfio da Antologia, como já disse, o poeta carrega nas tintas melodramáticas ao fazer Fronton lamentar a mãe, que por sua vez chora a sua morte. O epitáfio pessoano, porém, explora-se a crueldade da situação: os sujeitos que falamos no poeta, e o leitor para quem falar, sabem que o menino está morto. No entanto, em casa, ao longe, há a prece: "Que volte cedo, e bem!" A morte à distância assume desta forma, um caráter irônico que separa, de um lado, os que sabem que o menino está morto, e do outro, os que não sabem - só que esses são precisamente aqueles que estão mais envolvidos no drama dessa morte. É possível ver crueldade especial no conhecimento dessa mãe que erba, sem o saber, um filho morto: incapaz, portanto, de aproveitar aquelas qualidades de empatia que lhe dariam, sem sombra de dúvida, que o seu menino "já morto, e apodrece, no chão abandonado." Dentro desse contexto de leitura, o adjetivo "abandonado" pode receber uma carga de ressentimento apreciável.

No verso 28, intercala-se novamente um comentário que repete a mesma qualidade já encontrada no verso 12: "(Malhas que o Império tece!)". Esse comentário tem também a função de ponte entre a voz narrativa e a voz isenta, descritiva, que volta agora, já não mais tão isenta, para finalizar o poeta: "Já morto, apodrece, / O menino da sua mãe." É preciso, contudo, examinar mais de perto o sentido desse verso 28, através do qual se atribui responsabilidade pela morte do menino a uma entidade tratada abstratamente: o Império. É este que apanha na sua rede - tecido por ele mesmo, Parca dos novos tempos - o menino, soldado não por convicção. A voz que aqui fala, ao atribuir ao Império a causa - a culpa - da morte do menino, desloca o universo de valores em que habita o menino grego. Este, com efeito, lamenta não apenas o passado perdido, mas também o futuro gorado, as esperanças frustradas da mãe da linhagem e da pátria. A vida de Fronton adquire sentido na projeção para o futuro onde a atividade como cidadão é o coroamento de uma existência plenamente integrada ao grupo social, seja o mais restrito da comunidade familiar, seja o mais amplo da defesa do direito e da pátria. A outra mãe do menino grego é a pátria, e essa identificação justifica que se faça nos versos finais do poeta a associação entre o sentimento de inutilidade que a sua morte deixa, para a mãe e para a "arruada pátria". O original grego diz: "teke paída/ okyroron, kenion kharra philes patridos" (pariu um menino efêmero, alegria inútil da arruada pátria). Morrer de morte natural, antes d

tempo, isto é, antes de ter tido ocasião de provar a sua utilidade social, esvazia de sentido a vida de Fronton. Pelo contrário, no caso do menino da sua mãe, é a morte, não já pela Pátria, mas por algo mais vasto e mais impessoal, o Império, que esvazia a vida do menino do seu sentido, que é o aconchego afetivo, individual e doméstico. A morte esvazia as algibeiras do menino dos símbolos da sua infância efêmera e da sua maturidade mal iniciada: a ponta alada do lenço bordado e a cigarreira, de pouco uso, ainda "inteira e boa". Ambos são dons da sua dupla mãe. No poema de Pessoa, portanto, é o passado perdido que se chora: não se referem esperanças de continuação do nome da família (aliás, ele nem sequer tem nome da linha masculina, sendo apenas o filho da sua mãe), nem se expressam expectativas frustradas de serviço à sociedade e à pátria: tudo o que se deseja é que ele volte cedo, e bem, ao duplo aconchego uterino da mãe e da criada velha, que se desdobra para melhor embalá-lo, a esse eterno infante.

Concluindo, resto que não se possa afirmar, com certeza, que Pessoa tivesse em mente o epitáfio grego, quando compôs "O Menino da sua Mãe", não poderos deixar de reconhecer que, dadas as preferências comprovadas de leitura e de composição poética de Pessoa naquela mesma altura, e certas características composicionais - que procurei rapear aqui - é pelo menos provável que esse epitáfio estivesse no seu horizonte no momento da composição, como um pano de fundo difuso de leitura a interagir com o estímulo provocado pela visão da litografia. A leitura contrapontual dos dois poemas ajuda-nos a iluminar certos aspectos do poema pessoano, e a situá-lo num contexto poético e literário preciso: o dos poemas associados à morte.

Em confronto com o epitáfio grego, "O Menino da sua Mãe" parece bastante complexo. A sua polifonia deixa transparecer, nas vozes que se cruzam e se sobrepõem, núcleos de associações que se estilham, uma vez deflagrados. Ouvimos a voz neutra que desenha os contornos e pinta as cores do quadro (e será por acaso que o soldado é "alvo e louro", ou teros que ler aqui que o Império de que fala o poema está associado ao mundo anglo-saxão?); em seguida, a voz interior que, por um lado, projeta desejos intensos de aconchego uterino, enquanto por outro, inscreve o seu ressentimento. Finalmente, ouvimos a voz destacada, hortatória, que indaga acerca da sobrevivência dos valores humanos para além da morte e afirma a responsabilidade da guerra imperialista na destruição da felicidade pequena e doméstica - mas total e replicada, ou seja, dentro do mundo criado pelo poema, absoluta. Assim, enquanto o poema grego se apresenta como uma peça monolítica, o epitáfio de Pessoa, resto que aparentemente simples e coeso, acaba por revelar-se fragmentado, perfurado, talvez pelas mesmas balas imperiais que traspassaram, de lado a lado, o menino da sua mãe.

Texto: O Menino da sua Mãe

No plaino abandonado
Que a morte brisa aquece
De balas traspassado
- Duas, de lado a lado -,
Jaz morto, e arrefece.

Raia-lhe a farda o sangue.
De braços estendidos
Alvo, louro, exangue,
Fita cor olhar langue
E cego os céus perdidos.

Tão jover! que jover era!
(Agora que idade ter?)
Filho único, a mãe lhe dera
Um nome e o mantivera:
"O menino da sua mãe."

Caiu-lhe da algibeira
A cigarreira breve.
Dera-lhe a mãe. Está inteira
E boa a cigarreira.
Ele é que já não serve.

De outra algibeira, alada
Ponta a roçar o solo,
A brancura embainhada
De um lenço... Deu-lho a criada
Velha que trouxe ao colo.

Lá longe, em casa, há a prece:
"Que volte cedo, e ber!"
(Malhas que o Império tece!)
Jaz morto, e apodrece,
O menino da sua mãe.
[O.P., 105]

NOTAS

1. Entre as leituras desse poema, convém mencionar a de João Gaspar Simões, que identifica "o menino da sua mãe" com o próprio poeta, e usa o título do poema como título de um capítulo do seu livro Vida e Obra de Fernando Pessoa. História dura Geração. 2a. ed. Aradora, Livraria Bertrand, s.d., pág. 42 ss. Mais preocupados com o caráter plástico do poema, estão os trabalhos de Maria Helena Nery Garcez, "Um poema plástico de Fernando Pessoa" Boletim Informativo. Centro de Estudos Portugueses, São Paulo, 2a. série, Ano II, nº 4, out. nov. 1976, págs.2-7. e o de Fernando Martinho, "O Menino da sua mãe", poema figurativo", apresentado no IV Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos, São Paulo/Campinas, 26 a

- 30/4/1988 [cópia datilografada]. No resto Congresso foram ainda apresentadas mais duas comunicações sobre este poeta: Oswaldo Ceschin. "O lírico filho da tragédia" e J.G. Herculano de Carvalho: "Ritbaud e O Menino da sua Mãe".
2. Cf. Oscar Lopes, "No adito de Hades. (O epitáfio, o Testamento, a Elegia Fúnebre - e "a Hora")." Actas do I Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos. (Porto, 1978.) Porto, Brasília Editora, 595-611.
 3. Fernando Pessoa. Obra Poética. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, 1983, [451] págs. 291-293.
 4. Esse epitáfio tem o número 334, no volume II da Greek Anthology, traduzida para o inglês por W.R.Paton. A tradução de Paton é literal e em prosa. Prefiro usar a de Symonds, porque este dá especial relevo ao poeta e procura realizar uma tradução poética.
 5. J.A. Symonds, Studies of the Greek Poets. 2º vol. New York and London, Harper and Brothers Publishers, s.d., pags. 301-364.
 6. Devo observações e sugestões valiosas a Berta Waldran e a Alfredo Margarido, que tiveram a generosidade de ler o manuscrito e discuti-lo comigo.
 7. "On a contesté l'intention pratique de certaines épigrammes en raison de divers caractères intrinsèques, en particulier de leur longueur. Mais, en fait, une des plus considérables est une inscription attestée." "Notice". Anthologie Grecque. Tome IV. Texte établi par Pierre Waltz. 2ème. edition. Paris, Les Belles Lettres, 1960, pag. 37.
 8. Cf. Anthologie Grecque, op. cit., pag.31
 9. Para uma análise detalhada desses aspectos, cf. os trabalhos de Maria Helena Nery Garcez e de Fernando Martinho, citados acima.
 10. Cf. Oscar Lopes, op. cit.: "Na sua literalidade, a estrutura das Inscriptions é a de uma irredutível e chocante justaposição de dois tempos: por exemplo, a irredutível justaposição da frágil Cloé, no viço dos catorze anos, à sua sombra agora esquecida e distante relvados;..." (pág. 598) Cf. também Yara F. Vieira: "[...a justaposição] está ligada à abstração operada sobre os indivíduos sujeitos dos epitáfios, sobre as circunstâncias concretas das suas vidas, e sobre os sentimentos e emoções relacionados com a sua existência e, principalmente, com a sua morte," em "Pessoa, leitor da Antologia Grega." (a ser publicado nas Actas do IV Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos.)